

Boletim

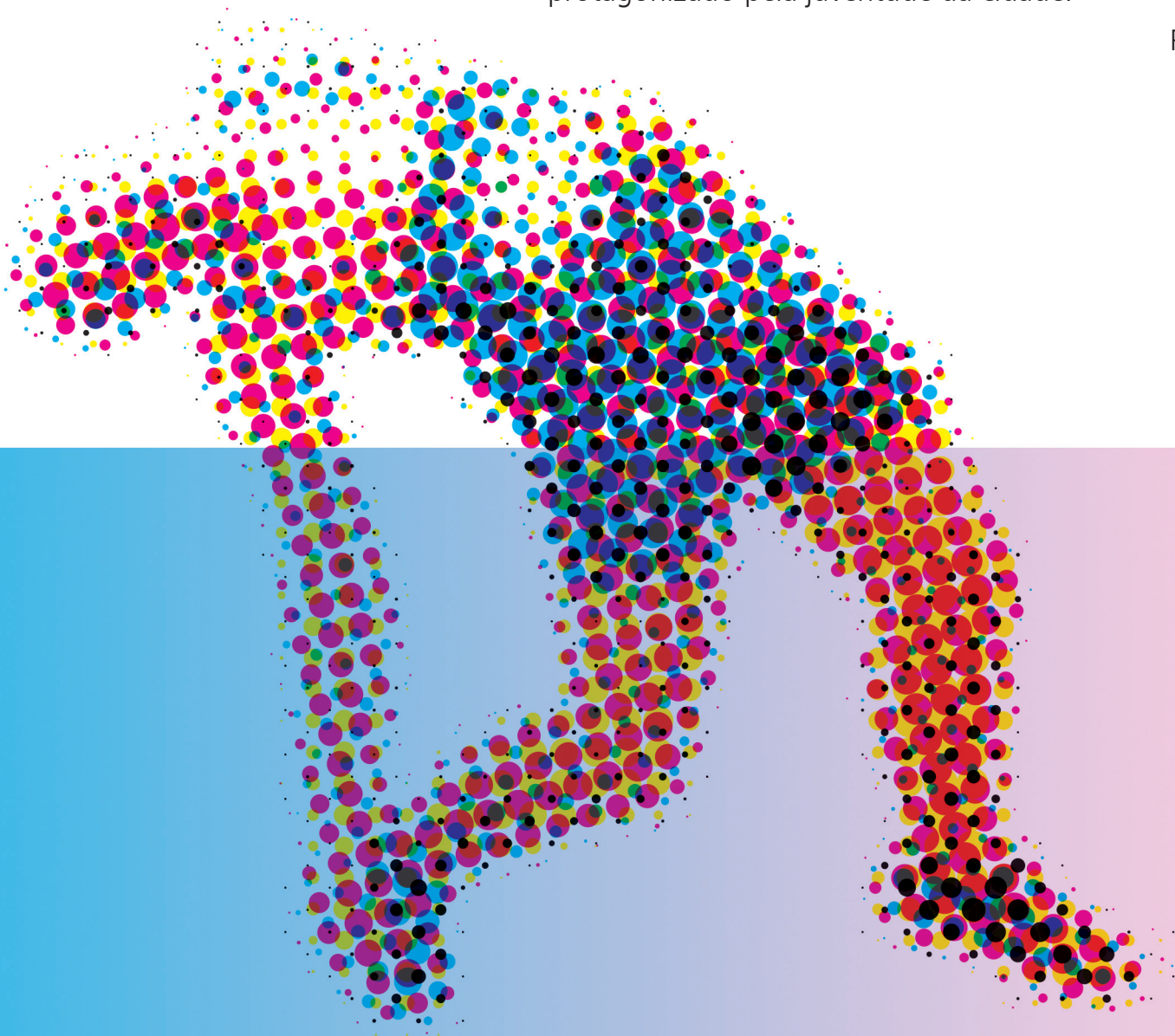
Nº 2.085 - Ano 46 - 3 de fevereiro de 2020

Marcelo Lustosa | UFMG

NO TERRITÓRIO COMUM

A décima quarta edição do Festival de Verão UFMG, que começa nesta segunda-feira, dia 3, invade o “baixo centro” de Belo Horizonte, polo de um importante movimento cultural protagonizado pela juventude da cidade.

Páginas 4 e 5



Áreas mais secas entre a
Amazônia e o Cerrado abrigam
maior diversidade de plantas

Página 3

DIVULGAR, DIVULGAR, DIVULGAR...

Débora d'Ávila Reis*
Denise Nacif Pimenta**

Nos últimos 15 anos, a divulgação científica vem ressurgindo de forma expressiva na UFMG. Com o estímulo de editais de financiamento na área, surgiram várias iniciativas e projetos no âmbito da extensão e pesquisa. Instituíram-se a Diretoria de Divulgação Científica, a Formação Transversal e a Especialização e o Fórum de Divulgação da Cultura Científica. O envolvimento da comunidade acadêmica vem crescendo, e a UFMG passa a fazer parte do INCT Comunicação Pública da Ciência e de sociedades nacionais e internacionais na área.

Essa ânsia de divulgar, divulgar, divulgar suscita algumas perguntas: que divulgação científica queremos na UFMG e em outras instituições de ensino e pesquisa? Qual se faz necessária no contexto atual? Que ciência queremos ou devemos divulgar? Uma ciência tecnicista, que invisibiliza os interesses econômicos e políticos que influenciam a sua produção? Uma ciência universal que desconsidera as singularidades e os contextos locais? Ou uma ciência cheia de maravilhas, mas também de controvérsias e contradições? Essa ciência que, ao intervir na natureza e na sociedade, buscando maior eficiência, é necessariamente carregada de riscos muitas vezes invisibilizados.

Divulguemos os benefícios da ciência no campo das nanotecnologias, da bioinformática, da genética molecular, das doenças infecciosas, no planejamento de novas drogas e vacinas, no avanço das comunicações e dos meios de transporte, mas nos adentremos também nos casos históricos da talidomida, das mortes por agrotóxicos, das perdas de biodiversidades e nas transformações sociais e culturais nem sempre positivas que emergem com a introdução de novas tecnologias.

Em tempos de *fake news*, a divulgação científica vem sendo tratada como “cura” para todos os males – panaceia que vem nos salvar da ânsia, da ignorância e dos terrores da antidemocracia, versão 6.0 de um iluminismo que vê a ciência e tecnologia como salvação, quicá, redenção. Será isso mesmo? Divulguemos também as fragilidades da ciência e suas limitações na resolução de problemas que nos afligem. O momento

urge por uma visão mais reflexiva e crítica sobre ciência, sobre divulgação científica e sobre as relações entre ciência e sociedade.

A ciência e os cientistas estão sob ameaça. Divulgamos ciência para “provar” para a sociedade, para as agências de financiamento e até para nós mesmos que fazemos ciência e que fazer ciência no Brasil ainda vale a pena. Então, fazemos (meio sem saber direito para que serve nem com quem queremos falar) vídeos, *blogs*, *podcasts*, cartazes, *pitchs*, palestras *ad nauseam*. Lotamos os sites institucionais de resultados de pesquisas e esquecemos que divulgar é mais do que desenvolver produtos ou somente falar dos “meus resultados”. Trazemos a dita população para se assentar calada nos auditórios e nos escutar em explanações sem fim sobre temas científicos que nós, acadêmicos, consideramos relevantes. E assim seguimos, na torre de marfim, sem nem mesmo procurar saber o que é urgente e primordial para a sociedade.

O griot (contador de história e guardião da tradição africana) Sotigui Kouyaté nos lembra que a pior coisa do mundo não é a doença ou a morte, mas a ignorância, como relatado por Isaac Bernat, no livro *Encontros com o griot Sotigui Kouyaté*:

“Os ancestrais queriam saber qual era a pior coisa que poderia acontecer ao ser humano. E eles disseram rapidamente: a doença. Bom, eles tinham razão, quando estamos doentes não podemos fazer nada. Mas depois chegaram à conclusão de que não era a doença, mas a morte. Depois eles disseram: bem, não é a morte porque a ressurreição existe. Então continuaram a procurar e finalmente disseram: é a ignorância. Então todos concordaram. Mas agora eles precisavam descobrir quem seria o mais ignorante de todos. Então, eles chegaram à conclusão de que o mais ignorante de todos é aquele que não foi ao encontro dos outros.”

Divulgar ciência é também sair desse estado de ignorância e distanciamento que a vida acadêmica nos impõe e ir ao encontro dos outros. É ir além do gigantesco muro da academia. Ousar escalar esse muro cria-

do ao longo da história por nós mesmos e navegar em horizontes desconhecidos e/ou esquecidos.

Divulgar é conversar sobre ciência, sim, mas é também escutar outras falas, dialogar, conhecer demandas inimagináveis para ensinar aprendendo. Dialogar com quem tem sido designado a ficar calado, com esse outro, com esse “público alvo” que insiste em questionar nossas certezas.

O caminho é longo, e a UFMG optou por percorrê-lo: lançou o Fórum de Cultura Científica, criou a Formação Transversal e a Especialização, ambas de caráter multi, inter e transdisciplinar, traços inerentes da divulgação científica. Há de se manter nesse caminho, sempre com firmeza, investimento pessoal e financeiro, criatividade e esperança. O momento atual requer o esforço de um fazer reflexivo, crítico e atento. Requer a criação e/ou ampliação de redes intra e interinstitucionais, que possibilitem encontros, que ampliem e diversifiquem os diálogos.

Gabriel Perissé faz um resgate etimológico da palavra “divulgar”. A partícula latina *dis-* indica variedade de direção e dispersão; o verbo *vulgare* significa “espalhar”, “publicar”. Ao divulgar, lançamos em todas as direções uma ideia, uma mensagem, uma palavra. Vamos abrir espaços para as palavras ressoarem, para encontros. É tempo de nos unirmos, acadêmicos e não acadêmicos, para compartilharmos conhecimentos que nos conduzam a um mundo mais justo e com mais escuta. Mais do que incluir, sejamos (re)integrados para lutar por uma divulgação que realmente queremos.

*Pesquisadora e professora do ICB, da Formação Transversal e da Especialização em Divulgação Científica. É docente e orientadora no Promestre e da pós-graduação em Biologia Celular. Diretora de Divulgação Científica da UFMG

**Pesquisadora do Instituto de Pesquisas René Rachou da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e orientadora docente na pós-graduação em Saúde Coletiva da Fiocruz Minas e no mestrado profissional Educação e Docência (Promestre) da UFMG

DIVERSIDADE na TRANSIÇÃO

Pesquisa liderada por professor do ICB revela que áreas mais secas entre a Amazônia e o Cerrado abrigam maior número de linhagens de plantas

Eliane Estevão e Luiza França

Resultados de estudo recém-publicado na revista *Scientific Reports* contrariam o entendimento de décadas sobre a forma como a diversidade de plantas é distribuída ao longo de gradientes de precipitação (chuva). Os pesquisadores esperavam encontrar maior diversidade de linhagens de plantas em áreas mais úmidas, como a Amazônia, mas acharam um número maior em regiões sazonalmente secas, na transição da Amazônia para o Cerrado brasileiro.

O trabalho é resultado da investigação de 20 pesquisadores de instituições da América do Sul e do Reino Unido, incluindo dois docentes da UFMG: Danilo Neves, que lidera a pesquisa, e Ary Oliveira-Filho, ambos do ICB.

A maior parte dos estudos está focada na comparação da diversidade de linhagens – tanto de plantas quanto de animais – entre regiões com clima mais frio e regiões mais quentes. No entanto, nas regiões tropicais, existem várias outras condições ambientais que vinham sendo negligenciadas pelas pesquisas, como a distribuição baseada em diferentes condições de precipitação ou os impactos das mudanças climáticas globais. O novo estudo aumenta

a compreensão específica sobre a distribuição das linhagens de plantas com flores, também conhecidas como angiospermas, na América do Sul.

“Foram mais de três anos de trabalho de campo com o objetivo de encontrar centenas de linhagens de plantas. As atividades de campo concentraram-se no Brasil, na Bolívia e no Peru”, informa Danilo Neves. No Brasil, foram coletadas plantas em áreas de Mata Atlântica (Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro), Cerrado (Goiás, Tocantins e Mato Grosso do Sul) e Floresta Amazônica (Amazonas e Pará).

História macroevolutiva

No artigo, os autores descrevem uma descoberta inesperada: a maior diversidade evolutiva nas florestas tropicais sul-americanas não está nos ambientes mais úmidos, mas em comunidades arbóreas que ocorrem sob precipitação intermediária. O trabalho também reuniu uma quantidade sem precedentes de sequências de DNA de linhagens de plantas da América do Sul, o que propiciou, segundo os autores, a visão mais abrangente até o momento sobre a história macroevolutiva das plantas com flores encontradas na América do Sul.

A pesquisa é baseada em uma combinação única de dados de inventário florestal e filogenéticos (DNA). “Reunimos uma base de dados inigualável em sua amplitude e detalhe ecológico – 2.025 levantamentos de comunidades (conjunto de espécies) de árvores –, abrangendo todo o espaço ambiental em terras baixas e tropicais da América do Sul, território que abrange grandes biomas, como a Amazônia, as florestas tropicais atlânticas e as savanas do Cerrado”, esclarece Danilo Neves.

Os dados coletados são combinados com uma nova filogenia molecular calibrada temporalmente, compreendendo quase todos os gêneros de angiospermas nas planícies tropicais da América

do Sul. Foi possível, então, reconstruir uma árvore da vida – com 160 milhões de anos da história evolutiva dessas linhagens de plantas –, que está sendo disponibilizada para a comunidade científica como parte do estudo

Arco do desmatamento

A região de maior diversidade de linhagens coincide com o chamado “arco do desmatamento”, onde as pressões antrópicas são maiores. A descoberta exige maior atenção conservacionista para a zona de transição entre a Amazônia oriental e as savanas e florestas secas vizinhas. Essas comunidades arbóreas altamente ameaçadas ocorrem ao longo do arco do desmatamento, onde a alteração do habitat tem sido intensa, rápida e ignorada. Além disso, a importância dessas áreas como abrigo de uma diversidade evolutiva única ainda é desconhecida.

“Nossos resultados ressaltam a importância de implementar estratégias de conservação efetivas para preservar as florestas e savanas encontradas na transição entre o leste da Amazônia e o Cerrado brasileiro”, afirma Danilo Neves. Segundo o especialista, estudos recentes mostram que áreas com maior diversidade de linhagens de plantas, ou seja, maior diversidade evolutiva, apresentam maior produtividade primária, sendo mais eficientes no trabalho de retirada de gases de efeito estufa da atmosfera.

“Proteger as poucas florestas e savanas que ainda existem no arco do desmatamento representaria uma estratégia mais eficiente para preservar a maior amplitude de linhagens de plantas da América do Sul e, ao mesmo tempo, cumprir com as metas internacionais assinadas pelo governo brasileiro sobre ações para mitigar os efeitos das mudanças climáticas globais causadas pela alta concentração de gases de efeito estufa na atmosfera”, alerta o coordenador da pesquisa.

Artigo: *Evolutionary diversity in tropical tree communities peaks at intermediate precipitation*
Disponível em <https://www.nature.com/articles/s41598-019-55621-w>.



Danilo Neves em trabalho de campo na Floresta Nacional de Caxiuanã, na Amazônia paraense

Intervenção artística sobreposta em foto de rua no “baixo centro”, que integra a exposição *Territórios populares* em cartaz no Centro Cultural



Divulgação

A FESTA DA JUVENTUDE

Com programação gratuita, Festival de Verão UFMG elege como tema a efervescência cultural que tomou conta do chamado “baixo centro” de BH

Ewerton Martins Ribeiro

Em dezembro de 2009, a Prefeitura de Belo Horizonte publicou decreto que proibia a realização de “eventos de qualquer natureza” na Praça da Estação, opondo-se não apenas à juventude da cidade, que há anos ocupava intensamente aquele espaço, mas ao próprio Código Civil brasileiro, que estabelece as ruas e praças do país como “bens públicos de uso comum do povo”, de usufruto inalienável. Revoltada com a medida, a juventude belo-horizontina realizou, em janeiro do ano seguinte, a primeira edição da *Praia da Estação*, evento que nos verões seguintes se consolidaria como um dos mais exemplares movimentos populares de reocupação político-festiva de um espaço público citadino no país.

Na esteira daquele movimento primordial, toda a região acabou se reconfigurando no decorrer da última década, com a instalação de novos equipamentos culturais – como a Escola Livre de Artes e o Centro de Referência da Juventude (CRJ) – e o amadurecimento dos já existentes – como o espaço CentoeQuatro e o próprio Centro Cultural UFMG –, constituindo um complexo que hoje é oficialmente denominado como Zona Cultural Praça da Estação.

A UFMG fez dessa tomada jovem do chamado “baixo centro” de Belo Horizonte o ponto de partida para a edição deste ano do seu Festival de Verão, que terá programação integralmente gratuita. O Festival será realizado de 3 a 6 de fevereiro, e suas atividades terão lugar no Centro Cultural da instituição e no Centro de Referência da Juventude, em uma espécie de pré-carnaval.

“Ao longo da última década, a Zona Cultural Praça da Estação foi pouco a pouco sendo escolhida como ‘território comum’ para movimentos culturais diversos, que vêm de diferentes pontos da cidade – e, quando falo em cidade, é numa perspectiva expandida, que abrange toda a Região Metropolitana de Belo Horizonte”, lembra o professor Fernando Mencarelli, diretor de Ação Cultural da UFMG.

“É uma região que foi tomada por esses jovens para ser um território de encontros, de troca, de manifestação da diversidade. Por ali esses movimentos foram se reunindo e gerando uma dinâmica nova de contaminação, que trouxe uma diversidade e pluralidade de sujeitos bastante singular”, afirma o diretor. “Definimos como tema da edição a ideia de *CorpoCidade*, pensando Belo Horizonte como esse corpo extenso que, de alguma maneira, encontra-se na região da Praça da Estação: um corpo diverso, plural, político.”

Mencarelli destaca a preocupação de não propor aos jovens um festival que fosse operacionalmente conservador, vertical, burocrático, e, sim, mais democrático, de processos compartilhados. “A gente tentou produzir um festival em que essa juventude fosse protagonista das ações, e não apenas um público para elas. O evento tem ações não só direcionadas para essa juventude, mas também pensadas e feitas por ela e com ela”, diz o professor da Escola de Belas Artes.

“A UFMG está fisicamente presente naquela região, seja pelo seu Centro Cultural, seja pelos inúmeros projetos que apoia, e o Festival de Verão sinaliza o nosso desejo de estar ainda mais presente. Podemos e queremos somar, mas, para somar, é preciso escutar. Com esta edição do Festival, a UFMG busca se integrar a esse movimento, mas partindo, antes de tudo, da escuta”, afirma.

Fala e escuta

O CRJ receberá rodas de conversa diárias, sempre às 15h30, com as seguintes temáticas: *Saúde mental e juventude virtual: gênero, raça e subjetividades*, no dia 3; *Pop político: funk e rap em Belo Horizonte*, no dia 4; *Superando o racismo e a transfobia: ações afirmativas e permanência na universidade*, no dia 6. No dia 5, haverá dois encontros para essas trocas de ideias: às 13h30, com o tema *Corpos, cidade e carnaval: narrativas visuais e políticas*, e às 15h30, sobre *Relações de gênero, sexualidades e cuidados com a saúde*.

No mesmo dia, das 18h às 21h, o CRJ abriga o estande *Trocando ideia com a galera da PrEP 15-19*, ambiente de acolhimento criado para que os interessados possam conversar com educadores sobre métodos de prevenção a doenças sexualmente transmissíveis e o acesso às redes de apoio existentes.

Outro destaque é a edição especial da *PeriFeira* – iniciativa de economia solidária que propicia exposição e venda de artigos produzidos por jovens empreendedores da periferia de Belo Horizonte e região metropolitana – que o Festival de Verão sediará nos dias 5 e 6. Realizado mensalmente no CRJ, o evento costuma contar com grande variedade de produtos, que vão de artigos de moda à papelaria, passando pelo artesanato, cosméticos e alimentação. Nesta edição especial, dez dos 35 estandes da feira foram reservados para expositores da comunidade da UFMG.

Programação

Música, exposições...

A abertura do Festival ficará a cargo de Dona Jandira, que se apresenta na segunda-feira, dia 3, às 18h30, no Centro Cultural UFMG. No show, ela comemora 15 anos de carreira. No mesmo horário, o Centro Cultural inaugura a exposição *Movências: CorpoCidade*, que leva para o ambiente de galeria a produção – em fotografia, performance, escultura, ilustração, pintura, instalação – de 14 jovens artistas de trajetórias relacionadas à Zona Cultural Praça da Estação.

Três outras mostras estarão em cartaz no Centro Cultural: *Territórios populares*, sobre os processos de disputas territoriais no centro de BH, *Dona Jandira: 81 anos de vida, poesia e música*, em homenagem à trajetória singular da cantora, e *Epistemologias comunitárias: arte contemporânea e autoria negra*.

Após o show de Dona Jandira, o público deve se deslocar para o CRJ, onde, às 20h, o artista da dança Thiago Granto – que promove “experiências de transformação política através da inovação estética” – e dançarinos vão apresentar a performance *Lava*, resultado de uma residência de criação coreográfica que vem sendo desenvolvida, desde meados de janeiro, por meio de parceria entre o Festival de Verão UFMG e o Verão Arte Contemporânea 2020.

teatro, dança...

Terça e quarta-feira serão dias de teatro no Festival de Verão. No dia 4, quem comanda o espetáculo é a Companhia Negra de Teatro, que apresenta, às 19h, no auditório do Centro Cultural, a peça *Chão de pequenos*. Por meio da história de dois jovens marcados pela orfandade, a montagem põe em discussão os temas da adoção, do preconceito, da intolerância e do abandono.

No dia 5, no mesmo horário e local, o grupo de teatro Mulheres de Luta, formado por moradoras da ocupação Carolina Maria de Jesus, apresenta o espetáculo *AntígonaS*, que retoma a famosa história registrada por Sófocles como alegoria para a luta feminina contra as injustiças. Na mitologia grega, Antígona – filha de Édipo e Jocasta – foi condenada pelo imperador Creonte a ser enterrada viva porque tentou resgatar o corpo insepulto de seu irmão e oferecer a ele um rito fúnebre digno.

Ainda no dia 5, às 20h, o CRJ recebe o *Sarau de quebrada*, que reúne poetas da cena belo-horizontina do *slam* – competição em que poetas leem ou recitam trabalhos originais ou alheios –, que se valem de seus corpos e vivências para produzir e expressar sua arte.

e festa!

No dia 6, a arena do CRJ receberá, às 20h, o evento-competição *Verão vogue bailão*, que celebra a cultura *Ballroom* e as festas-refúgio que, desde meados do século 20, ocorrem pelo mundo como espaços seguros para a população LGBTI+.

Durante a festa, o bailarino e coreógrafo Tuca Pinheiro e o núcleo de pesquisa em artes cênicas Corpolítico vão realizar a performance *A urgência da ineficiência – o corpo disponível*, resultado de residência homônima ministrada por Tuca com os artistas do núcleo. Em encontros iniciados antes mesmo do Festival, os participantes se propuseram a desenvolver um processo de ordem não vertical, subsumindo erros em meio ao todo artístico, de forma a produzirem, a partir disso, novas perspectivas criativas.



Competição *Verão vogue bailão* será ponto de celebração da cultura *Ballroom*



Espectáculo *Chão dos pequenos*: discussão sobre abandono e preconceito

CASAS PARA A ARTE

Residências artísticas serão novidade nesta edição do Festival de Verão UFMG. Elas funcionarão como espaços para que profissionais de carreira consolidada desenvolvam trabalhos com artistas e grupos que já vêm atuando na Zona Cultural Praça da Estação. Diferentemente das oficinas, as residências não demandaram inscrições: seus participantes foram selecionados e convidados pela própria organização do Festival.

A poeta e professora da Faculdade de Letras Emília Mendes, que coordena o Laboratório de Edição (Labeled) da unidade, e o 62 Pontos, coletivo mineiro de pesquisa e produção gráfica em técnicas analógicas, vão ministrar a residência *De quebrada: da oralidade à poesia impressa*. Nela, 15 poetas do *slam* vão aprender os processos e as ferramentas necessárias para que eles mesmos possam produzir seus livros com qualidade gráfica e editorial.

Além disso, aproveitando a estrutura e os materiais tipográficos existentes no Centro Cultural UFMG, eles serão apresentados à linguagem e à técnica dos tipos móveis, em abordagem contemporânea de suas possibilidades. No decorrer dos próximos meses, a residência vai resultar na publicação, pelo Labeled, da coletânea *De quebrada*, com poemas dos participantes.

No campo da dança, além da residência de Tuca Pinheiro, a badalada coreógrafa Ohana Lefundes vai ministrar, em modelo workshop, uma residência de funk e outros estilos para bailarinos profissionais e dançarinos que frequentam e ensaiam no CRJ. O 14º Festival de Verão UFMG ainda contará com três aulas abertas de danças urbanas, que serão ministradas também no CRJ, sempre às 18h: funk (dia 4), com Ohana Lefundes; dancehall (dia 5), com Marcelo Mendes, e passinho (dia 6), com Dudu Sorriso.

SONHO de UNIDADE

Em tese defendida no Cedeplar, pesquisador apresenta trajetória da disciplina que está na fronteira entre a economia e a política

Matheus Espíndola

Do fim da Segunda Guerra Mundial até a década de 1970, o pensamento econômico dominante anunciava que a eficiência era o resultado de um esforço guiado pela teoria da escolha racional – paradigma que, entre outras coisas, prescrevia para os políticos o papel de executores desinteressados dos planos elaborados pelos economistas.

“Essa ideia passou a ser contestada quando se entendeu que a mera aplicação dos modelos não gerava o desenvolvimento previsto e que a omissão do processo político deixava incompleta a análise econômica”, comenta o pesquisador Rafael Galvão de Almeida, que é autor da tese *Dreaming of unity: essays on the history of new political economy*, na qual analisou minuciosamente a trajetória do pensamento econômico iniciada com a mudança de paradigma.

O trabalho se insere no campo de estudo conhecido como *New Political Economy* (NPE, ou Nova Economia Política), relativo à pesquisa que se localiza na fronteira entre o político e o econômico. A defesa da tese ocorreu no último mês de dezembro, no Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (Cedeplar), vinculado à Faculdade de Ciências Econômicas (Face) da UFMG.

Esboço de uma história

O objetivo do estudo foi esboçar uma história da NPE. “A princípio, foquei na nova macroeconomia política, pois ninguém havia feito pesquisa histórica sobre essa tradição. Tentei verificar suas origens e como se relaciona com outras tradições e abordagens”, explica Rafael Galvão.

De acordo com o autor, o paradigma da escolha racional tem como vantagem a capacidade de quantificar observações e fazer previsões com base em modelos matemáticos. “Podemos analisar o comportamento de eleitores, políticos e outros agentes em um modelo rigoroso que viabiliza mensurar, por exemplo, a influência do aumento da renda da população na votação a favor de um candidato a reeleição”, exemplifica. A teoria é alvo de críticas, no entanto, na medida em que, segundo o economista, acaba simplificando demais a complexidade das escolhas humanas.

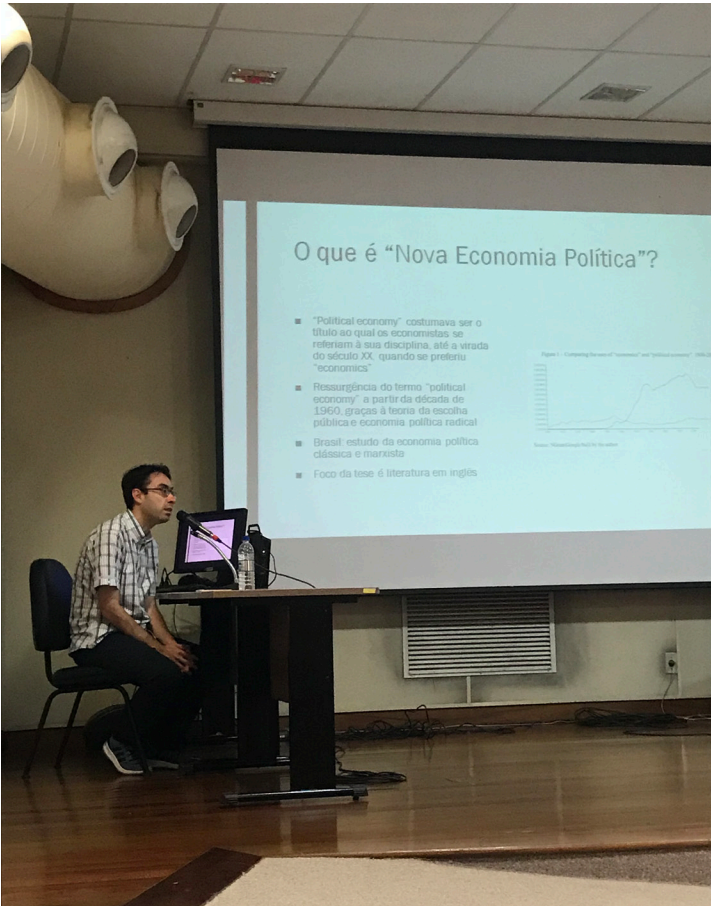
De acordo com Rafael Galvão, o rompimento com o paradigma ortodoxo foi acompanhado da emergência de outras correntes, como a teoria da escolha pública, que produz um tratamento integrado entre política e economia.

“Essa teoria busca entender o comportamento dos políticos e a ação política coletiva com base nas ferramentas econômicas”, detalha. Segundo o pesquisador, a abordagem equipara os políticos a quaisquer outros agentes econômicos. “A política é considerada, dessa forma, um mercado, em que os agentes públicos trocam favores e dinheiro para garantir seu status”, completa.

Imperialismo econômico

Como explica Rafael Galvão, alguns cientistas defendem a expansão do método econômico para outras ciências, fundamentados na premissa de que a economia como campo de estudo sobre decisões estratégicas e seus impactos na sociedade pode balizar o funcionamento de outros organismos, como a política, a filosofia e a biologia.

“Para vários sociólogos e cientistas políticos, esse ‘imperialismo econômico’ é favorável porque abre suas disciplinas para estudos empíricos mais robustos”, explica Rafael Galvão, ressaltando que



Rafael Galvão durante a defesa da tese: emergência de novas correntes

a NPE também é uma tentativa de unificar as ciências sociais, distanciadas entre si ao longo dos últimos anos. “Por lidarem com problemas diferentes, as ciências sociais desenvolveram abordagens e linguagem próprias, mantendo-se independentes”, reflete.

Sobre o material de base da sua investigação, o autor sublinha que recorreu, basicamente, à literatura em idioma inglês – principal influenciadora do desenvolvimento da doutrina econômica. “No Brasil, o termo ‘economia política’ normalmente se refere às disciplinas das teorias clássica e marxista, mas, em inglês, é muito mais amplo. Por isso, escrevi a tese nesse idioma”, explica.

De acordo com o autor, a pesquisa em NPE tem atraído pesquisadores talentosos e produzido um bom número de estudos, mas ainda luta para firmar seu lugar na ciência econômica. “O sonho de uma ciência social unificada continua a guiar uma grande quantidade de cientistas. A partir da minha pesquisa, outros estudiosos poderão se interessar pela história da escolha pública e da nova economia política e sua recepção no meio acadêmico, bem como pelo relacionamento da economia com outras ciências”, projeta Rafael Galvão de Almeida.

Tese: *Dreaming of unity: essays on the history of new political economy*

Autor: Rafael Galvão de Almeida

Orientador: Carlos Eduardo Suprinyak

Defesa: 16 de dezembro de 2019, no Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (Cedeplar) da UFMG

IMERSÃO NOS NEGÓCIOS

Estão abertas, até 16 de fevereiro, as inscrições para a 16ª edição do Lemonade (<http://programalemonade.com.br/lemonade16>), iniciativa da Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa (Fundep). O programa transforma ideias em negócios de alto impacto e forma empreendedores capazes de gerar novas soluções no mercado. Ao longo de oito semanas, os participantes mergulham no mundo dos negócios, transformando suas ideias em produtos e serviços de base tecnológica.

Terão prioridade equipes formadas por profissionais de áreas diversas, com disponibilidade de tempo para dedicação ao programa. Até 50 projetos serão selecionados para participar dessa edição. As equipes escolhidas passarão por formação gratuita com conteúdos, palestras, mentorias, workshops e bancas avaliadoras. As 15 edições anteriores do Lemonade reuniram quase 300 mentores e mais de 1 mil empreendedores, totalizando 394 startups que se desenvolveram e já captaram mais de R\$ 6 milhões.

ANSIEDADE E DEPRESSÃO

Estudantes de cursos da área de saúde da UFMG e de outras cinco universidades mineiras participam, em fevereiro, do Projeto sobre Ansiedade e Depressão em Universitários (PADu). O objetivo é gerar conhecimento e subsidiar as instituições com dados para a formulação de políticas de acolhimento, prevenção e promoção de saúde.

Discentes dos cursos de Medicina, Fonoaudiologia, Tecnologia em Radiologia, Psicologia, Fisioterapia, Farmácia, Nutrição, Enfermagem e Odontologia vão responder a um questionário com informações sobre vida acadêmica, condições socioeconômicas e qualidade de vida, e sobre sintomas de depressão, ansiedade e estresse. A divulgação das informações obtidas será feita de forma coletiva, e o sigilo é garantido. As outras universidades federais participantes são as de Lavras (Ufla), de São João del-Rei (UFSJ), do Triângulo Mineiro (UFTM), de Ouro Preto (Ufop) e de Juiz de Fora (UFJF). As atividades e resultados do PADu podem ser acompanhadas no Facebook (<https://www.facebook.com/padu.padu.31149359>) e no Instagram (www.instagram.com/padufederais/?hl=pt-br).



Professores podem orientar até cinco estudantes

INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Professores doutores que desejam atuar como orientadores no Programa de Iniciação Científica Voluntária da UFMG podem se inscrever em regime de fluxo contínuo. Os professores poderão orientar até cinco voluntários de IC ao mesmo tempo. O objetivo do edital (<https://bit.ly/2REdcwK>) lançado pela Pró-reitoria de Pesquisa é ampliar as oportunidades de iniciação científica na UFMG.

O questionário para as inscrições está disponível no Sistema de Fomento da PRPq (acesso pelo MinhaUFMG). Os candidatos deverão apresentar um projeto de pesquisa na forma de resumo estendido, que deve conter justificativa, objetivos e metodologia. Os docentes aprovados indicarão os estudantes voluntários, também pelo Sistema de Fomento.

CIÊNCIAS CRIMINAIS

Novos debatedores serão selecionados para as atividades do Grupo de Estudos Avançados (GEA) em Sistemas Processuais, que se reúne na Faculdade de Direito da UFMG. Aberto a estudantes de direito e de outros cursos das ciências humanas e sociais, o grupo estimula a reflexão sobre temas das ciências criminais, por meio de encontros em que são debatidos textos propostos pela coordenação.

O GEA em Sistemas Processuais é iniciativa do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais (IBCCrim). Os interessados devem se inscrever até 13 de fevereiro, no site do Instituto (<https://bit.ly/37DJwp1>). Dúvidas podem ser encaminhadas para o e-mail grupodeestudos@ibccrim.org.br.

PRÉ-APOSENTADORIA

A formação das turmas de 2020 do Programa de Educação para Aposentadoria começa nesta segunda-feira, 3, com a abertura das inscrições. Destinado aos servidores técnico-administrativos e docentes da UFMG, o programa busca ampliar perspectivas e construir novos projetos de vida. As atividades serão realizadas de março a junho, nos campi Saúde e Pampulha. A programação inclui encontros vivenciais e reflexivos e palestras sobre temas como planejamento financeiro, legislação e relacionamento familiar.

Iniciativa da Pró-reitoria de Recursos Humanos, o programa oferta 40 vagas, distribuídas em duas turmas. Todos os servidores em atividade podem se inscrever, mas há critérios de prioridade. As inscrições devem ser realizadas no site da PRORH (<https://www.ufmg.br/prorh>), até 14 de fevereiro. Mais informações podem ser solicitadas pelo e-mail pea@prorh.ufmg.br ou pelos ramais 3248 (Janaína) e 3242 (Guilherme).

CURTA TEMPORADA NA ESPANHA

O programa de bolsas de formação pós-doutoral de curta duração do Grupo Tordesillas aceita inscrições, até 27 de março, de professores doutores brasileiros e portugueses. São oferecidas 12 bolsas com duração de um a três meses em uma das 21 universidades espanholas (www.grupotordesillas.net/miembros) que integram a rede. A bolsa inclui passagem aérea de ida e volta, seguro-saúde e 1.200 euros para alojamento e manutenção na Espanha.

Os candidatos devem apresentar carta de apresentação emitida pela Diretoria de Relações Internacionais (DRI) da UFMG, que deve ser solicitada pelo e-mail programas@dri.ufmg.br. Também é necessário mostrar convite feito pela instituição de destino. Outras informações podem ser encontradas no informe do Programa (<https://bit.ly/2uEJEG6>) ou solicitadas pelo e-mail gtordesillas.secretaria@uva.es.

Uma **VEZ** até **MORRER**

Com estudo de caso sobre organizada do Atlético, pesquisador da EEFFTO analisa a “produção dos modos de ser torcedor”

Samuel Resende

O que a Teoria do Discurso de Michel Foucault (1926-1984) tem a ver com a paixão incondicional do torcedor pelo seu time do coração? O pesquisador Mauro Lúcio Maciel Júnior, mestre pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudo do Lazer na UFMG, “bebeu” na fonte do filósofo e historiador francês para compreender o comportamento de uma torcida organizada do Clube Atlético Mineiro – o Movimento 105 –, criada em 2006, sob inspiração das fanáticas torcidas de clubes argentinos e uruguaios.

“Eles se portam como torcedores que empenham apoio e fidelidade irrestritos ao clube. Esse elemento discursivo também permeia o comportamento do sujeito em um estádio de futebol. Sob a perspectiva de Foucault, é como se o discurso tivesse o poder de criar o sujeito social e, por meio dele, o sujeito falasse aquilo que é ou deseja ser”, teoriza Mauro Júnior, autor da dissertação defendida em julho do ano passado.

Ele acompanhou, *in loco*, 16 partidas do Atlético como mandante no Campeonato Brasileiro de 2018 e entrevistou 10 participantes do Movimento 105 que desempenhavam diferentes funções dentro do agrupamento. A parte teórica do estudo foi embasada pela Teoria do Discurso, de Foucault. “A linguagem tem papel importante na construção do ser social. Assim, busquei trabalhar as interações nesse grupo como práticas ancoradas em discursos que exercem papel decisivo na produção das condutas dos indivíduos”, afirma.

Em relação especificamente ao Movimento 105, Mauro Maciel procurou compreender como se dá o processo de formação do torcedor e das características que singularizam a organizada. “É um modo diferente de torcer. Eles não criticam os jogadores, não têm cantos que enaltecem a própria organizada, mas apenas o Atlético”, analisa.

Segundo o pesquisador, esse comportamento é inspirado nas *barras*, torcidas conhecidas na Argentina e no Uruguai pelo apoio incondicional que devotam aos seus times. “Entre as características comuns compartilhadas com essas torcidas, observamos, no Movimento 105, as faixas verticais com as cores do clube e instrumen-

Arquivo Movimento 105



O Movimento 105 se inspira nas barras argentinos e uruguaios

tos musicais, principalmente a murga (bumbo com pratos), que nenhuma outra torcida do Atlético utiliza. Eles também entoam um canto ininterrupto, que, por ser mais pausado, no estilo argentino, é mantido durante todo o jogo. Ainda há o movimento do braço, o movimento de ‘alento’ e a postura de ficar em pé na cadeira durante os 90 minutos”, pontifica Mauro Júnior, que é bacharel em Educação Física pela UFMG.

Fora da caixa

Atleticano e integrante do Grupo de Estudos sobre Torcidas de Futebol (GEFuT) e do Oricolé – Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer, ambos da UFMG, Mauro Júnior assumiu o desafio de desenvolver uma pesquisa de perfil diferente do padrão da área Educação Física. Seu estudo tem viés sociológico bem marcado. “Foi um desafio, pois me envolvi com construções teóricas difíceis de estudar, ainda mais quando elas não estão presentes em nossa formação”, afirma o mestre.

O Movimento 105 Minutos tem a filosofia de apoiar o time durante todo o jogo, incluindo os 15 minutos do intervalo – daí a origem do nome. O grupo, que contava com 120 torcedores à época da pesquisa de campo, frequenta os estádios com objetos pouco comuns entre as torcidas brasileiras, como tirantes, trapos e cachecóis.

Dissertação: *Além dos 105 minutos: currículo cultural e (re) produção de modos de ser torcedor*

Autor: Mauro Lúcio Maciel Júnior

Orientador: Hélder Ferreira Isayama

Defesa: 17 de julho de 2019, no Programa Pós-graduação Interdisciplinar em Estudo do Lazer na UFMG

EXPEDIENTE

Reitora: Sandra Regina Goulart Almeida – Vice-reitor: Alessandro Fernandes Moreira – Diretora de Divulgação e Comunicação Social: Fábila Lima – Editor: Flávio de Almeida (Reg. Prof. 5.076/MG) – Projeto Gráfico: Marcelo Lustosa – Diagramação: Guilherme Martins – Revisão: Cecília de Lima e Josiane Pádua – Impressão: Imprensa Universitária – Circulação semanal – Endereço: Diretoria de Divulgação e Comunicação Social, campus Pampulha, Av. Antônio Carlos, 6.627, CEP 31270-901, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil – Telefone: (31) 3409-4184 – Internet: <http://www.ufmg.br> e boletim@cedecom.ufmg.br. É permitida a reprodução de textos, desde que seja citada a fonte.

UF *m* G